DAS MOLÉSTIAS E DOS PRODÍGIOS
ANOTAÇÕES SOBRE DOENÇÃS E PANACEIAS NO JORNAL "A CAMPANHA" (1900-1934)

Lúcio Reis Filho[*]
luciusrp@yahoo.com.br
Universidade do Estado de Minas Gerais

Graciley Borges[**]
gracileyfernandes@yahoo.com.br
Universidade do Estado de Minas Gerais

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados parciais obtidos através da pesquisa sobre a representação de doenças em jornais da primeira metade do século XX. As atividades, fomentadas pelo Programa de Amparo à Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais, vêm sendo desenvolvidas no *Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort*. As fontes utilizadas pertencem ao acervo de periódicos sul-mineiros disponível no Centro. A metodologia consiste na investigação, coleta de dados e análise das fontes primárias. Dois pontos justificam a pesquisa: as urgentes preservação e divulgação do acervo em questão, e a necessidade de aprofundamento dos estudos sobre o papel dos impressos na construção da vida social e política no sul de Minas Gerais.

Palavras-chave: História da Imprensa; Doenças; Panaceia; Profilaxia; Representação.

ABSTRACT

This paper presents the partial results obtained through research on the representation of diseases in newspapers from 20th century first decades. Financed by Minas Gerais State University's Research Support Program (Programa de Amparo à Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais), the activities are being developed at the *Studies Center Monsenhor Lefort*. The sources used belong to the journal collection available at the Studies Center. The methodology consists in research, data gathering and analysis of the primary sources. Two points justify the research: the urgent preservation of the historical sources; the need of further studies about southern Minas Gerais' social and political life and the role of press within society.

Keywords: History of the Press; Diseases; Panacea; Prophylaxis; Representation.

[*] Pesquisa financiada pelo Programa de Amparo à Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais (PAPq/UEMG). Mestre em Comunicação, Historiador e Professor do Departamento de História e Ciências Humanas da Fundação Cultural Campanha da Princesa (FCCP/UEMG). Coordenador de pesquisa PAPq/UEMG.
[**] Graduanda em História e bolsista PAPq/UEMG.

Introdução

Nestas breves anotações, apresentaremos os resultados parciais obtidos com a pesquisa de iniciação científica *Das Moléstias e dos Prodígios: profilaxia, panaceias e representação de doenças através de impressos na primeira metade do século XX*, financiada pelo Programa de Amparo à Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais (PAPq/UEMG). Conforme sugere o título do trabalho, objetivamos analisar o imaginário da saúde e das doenças no sul de Minas Gerais, bem como investigar as formas de representação que, através do discurso da imprensa, indicam valores e comportamentos sociais. Inserida no campo da história social e cultural, incluindo a história da saúde e das doenças, a pesquisa fundamenta-se na observação do mundo social enquanto ambiente em que os indivíduos e grupos elaboram suas práticas cotidianas, produzem representações e discursos sobre fenômenos históricos diversos, construindo sistemas de sentido que dão corpo a experiências singulares e coletivas.

História da imprensa: texto e contexto

De acordo com Douglas Kellner (2001), há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. A cultura da mídia é constituída pela imprensa, entre tantos outros produtos da indústria cultural. Organiza-se com base no modelo de produção de massa, produzida para a massa, segundo fórmulas, códigos e normas convencionais. (KELLNER, 2001) Portanto, o impresso consiste em material originário da indústria gráfica. Surgido com o advento da imprensa, encontra no papel e nos similares seu suporte material. Ao longo dos séculos, os impressos tomaram grande diversidade de formas, que incluem livros, almanaques, circulares, jornais, revistas, pasquins, panfletos avulsos, boletins, cartazes, opúsculos, entre outros. Entretanto, destaca Sodré, a imprensa no Brasil não constituiria meio de massa, pois esses meios não seriam de uso habitual, em parcela numerosa, majoritária, da população. (SODRÉ, 1999)

A imprensa nasceu com o capitalismo e acompanhou o seu desenvolvimento. Na realidade crescente de sua circulação, as publicações periódicas desempenharam papel ativo nos processos de transformações culturais, sociais e políticas que eclodiram na modernidade

Ocidental, a exemplo da secularização, urbanização e democratização de suas sociedades. Em outras palavras, "a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista". (SODRÉ, 1999, p.1) Considerando que o Brasil insere-se, desde o século XVI, no mundo ocidental e capitalista, podemos dizer que a história do país e a história da imprensa caminham juntas. Nesse passo, ritmado pelo desenvolvimento das relações capitalistas no Brasil, estabeleceu-se a empresa jornalística. Entender a imprensa em sua historicidade, sem perder de vista suas articulações mais amplas com a história do capitalismo, configura a perspectiva teórica e o princípio norteador de nossa pesquisa. Observá-la através dessa lente, partilhada por Cruz e Peixoto, implica em tomá-la como força ativa da história do capitalismo, problematizando suas articulações às conjunturas específicas do longo processo de constituição, construção, consolidação e reinvenção do poder burguês nas sociedades modernas, e às lutas por hegemonia nos diferentes momentos históricos do capitalismo. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 257)

> A Imprensa é linguagem constitutiva do social, detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 260).

A historicidade inerente aos impressos abre vastas possibilidades de análise. Segundo Martins e Luca, "a história da imprensa é irmã siamesa da cidadania, do espaço público compartilhado e da democracia". (MARTINS; LUCCA, 2008, p.8). Portanto, não há como escrever sobre a história da imprensa sem relacioná-la com a trajetória política, econômica, social e cultural. Assim, parece-nos imprescindível observar a especificidade e pluralidade das fontes; quem as escreve e as mensagens que transmitem; as estratégias, apelos e valores que esses veículos evocavam em seu discurso; suas condições de produção; o funcionamento das tipografias; de que forma esses textos chegavam ao público, considerando sua leitura e recepção. Percorrido esse caminho, Darton destaca a importância de observar como os leitores entendiam os sinais na página impressa e quais eram os efeitos sociais dessa experiência. Ao propor uma *história social e cultural da comunicação impressa*, o autor indica que o estudo dos meios de comunicação em perspectiva histórica deve envolver todo o processo de sua construção, movimento que termina na interpretação dos leitores. (DARTON,1990, p.112)

Nosso trabalho fundamenta-se no pressuposto dito essencial das metodologias para a análise de textos em pesquisa histórica. Segundo Cardoso e Vainfas, a história é sempre texto, ou, mais amplamente, discurso, ou seja, o documento é sempre portador de um discurso que, assim considerado, não pode ser visto como algo transparente. (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 378). Todavia, sublinhamos que a história não se reduz à estrutura do texto. Edward Muir (2005) expõe que as investigações históricas requerem uma apreciação cuidadosa das intenções e inclinações dos autores dos textos históricos. Aponta ainda que todos os eventos históricos só podem ser entendidos dentro do contexto de tempo e espaço em que ocorreram. (MUIR, 2005, p.8) Investigar o contexto sócio histórico no qual os impressos operam, pois, denota a importância de relacionar texto e contexto.[1] Dessa maneira, pretendemos buscar os nexos entre as ideias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se exprimem e o conjunto de determinações extratextuais que presidem a produção, a circulação e o consumo dos mesmos, relacionando-os ao social.

> Falar em história da imprensa é, portanto, se reportar ao que se produziu, de que forma, ao como se produziu, para quem se produziu e que consequências trouxe essa produção para a sociedade. É se referir, igualmente, à forma como o público reagiu àquelas mensagens e perceber de que forma realizaram leituras ou interpretações plurais. Formas de leituras, formas de apropriação, interpretações plurais de sentido (BARBOSA, 2004).

Enfim, interessam-nos os processos comunicacionais e as intricadas relações que se desenvolvem em torno desse sistema de comunicação. Igualmente, a maneira pela qual se constituem historicamente os fenômenos no mundo dos impressos, ou, nas palavras de Kellner (2001, p. 10), os modos de interseção entre os impressos e os movimentos políticos e sociais, além da maneira pela qual os periódicos moldam a vida cotidiana, influenciando o modo como as pessoas pensam e se comportam, como se veem e veem os outros e como constroem sua própria identidade. Sodré percebe uma ligação dialética entre o desenvolvimento da imprensa e o desenvolvimento da sociedade capitalista, pela constatação da influência que a difusão impressa exerce sobre o comportamento das massas e dos indivíduos. O traço ostensivo que parece comprovar tal ligação consistiria na tendência à

[1] Traduzida historicamente, a unidade de contexto diz respeito ao "contexto histórico", às estruturas sociais e/ou ao universo simbólico no qual se insere(m) o(s) discurso(s) analisado(s). Unidade "arbitrária", posto que extratextual, que somente o historiador pode determinar, conforme suas opções teóricas, suas escolhas temáticas e suas hipóteses de investigação. (CARDOSO; VAINFAS, 1997).

unidade e à uniformidade, através da universalização de valores éticos e culturais, como pela padronização do comportamento. (SODRÉ, 1999, p. 1-2)

Dedicamo-nos a um *corpus* específico de textos e textualidades, veiculado pelos jornais sul-mineiros na primeira metade do século XX. Observaremos os processos comunicacionais estabelecidos em seu interior e também a relação dos leitores com esses objetos culturais. O interesse em desenvolver uma pesquisa que envolve o trabalho cuidadoso e criterioso com as fontes justifica-se pela urgência em atender às expectativas do *Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort*, que visa à preservação e à divulgação do seu acervo. Pretendemos, também, contribuir com a divulgação da metodologia da história social e cultural da comunicação impressa. Nas palavras de Carl Sagan, "divulgar a ciência – tentar tornar os seus métodos acessíveis aos que não são cientistas – é o passo que se segue natural e imediatamente". (SAGAN, 2006, p. 42) Dessa maneira, objetivamos oferecer à comunidade local maior contato com a própria cultura, de modo a contribuir para a construção de sua identidade.

O exame do material visual apoia-se na abordagem da "nova história", cuja base filosófica reside na ideia de que a realidade é social ou culturalmente constituída.(Burke, 1992) Inserimos a produção da história da imprensa no campo da história cultural, esta que, segundo Chartier, deve identificar o modo como dada realidade é construída, pensada e interpretada em diferentes contextos de tempo e espaço. (CHARTIER, 1990) Em sua perspectiva, falaremos em *representações* enquanto classificações que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. Burke complementa; sugere que só temos acesso ao passado e ao presente via categorias e esquemas – ou, como diria Durkheim, às "representações coletivas" – de nossa própria cultura. (BURKE, 2000, P. 72) Em sua análise sobre o conceito de representações em Chartier, Carvalho explica que "as representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O poder e a dominação estão sempre presentes". (CARVALHO, 2005, p. 143-165)

As fontes documentais

As atividades de pesquisa vêm sendo desenvolvidas no *Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort*, órgão subordinado à Biblioteca Pública Municipal Cônego Vítor, de Campanha, Minas Gerais. Criado a partir da fundação de uma seção especial na Biblioteca, em 28 de junho de 1996, pela Lei Municipal n.1879, o *Centro de Estudos* seria destinado à guarda, preservação e divulgação da história da cidade. A instituição, que assegura boas condições de uso científico, social e cultural, tem disponibilizado o fundo a historiadores, promovendo a preservação da memória.

Campanha mantém ricos acervos documentais que reportam aos séculos XVIII, XIX e XX, de valor inestimável para o desenvolvimento de trabalhos de pesquisa científica. A cidade, hoje com mais de 270 anos, é considerada o berço de diversos municípios da região sul de Minas Gerais, tendo participado ativamente do cenário político, econômico e cultural do estado e do país. As fontes documentais mantidas pelo *Centro de Estudos* atestam a importância dessa e de várias outras cidades sul-mineiras em diferentes contextos sócio-políticos e culturais de Minas e do Brasil. Aos historiadores, esses importantes acervos têm possibilitado a interpretação e a reconstituição de amplo espectro da história regional.

O acervo pertencente à biblioteca particular do Monsenhor José do Patrocínio Lefort, doado ao *Centro de Estudos*, mantém a "Seção de Documentos Históricos", destinada à coleção e preservação da memória da cidade e da região. Compõe-se de material impresso diversificado, que compreende jornais, revistas, catálogos, livros cartoriais, livros de atas, editais e termos da Câmara Municipal. Para atender aos visitantes que buscam informações sobre a cidade, disponibiliza arquivo completo de escritores campanhenses e muitas de suas obras, bem como as biografias de grande parte dos vultos que emprestam os seus nomes a ruas e logradouros públicos. Há, ainda, um conjunto bibliográfico sobre a história das cidades do sul de Minas, como os raríssimos exemplares do *Almanaque Sul Mineiro*, de 1874 a 1884, de autoria do escritor campanhense Bernardo Saturnino da Veiga; parte de uma coleção de revistas produzidas pelo *Arquivo Público Mineiro*, abrangendo o período de 1896 a 1929; obras voltadas ao estudo de genealogia; esboços de árvores genealógicas, documentos e correspondências pessoais; medalhas, quadros, troféus e inúmeros documentos avulsos.

Nas coleções encadernadas de jornais encontram-se disponíveis desde exemplares avulsos até coleções completas de quase cem jornais raros, muito dos quais editados e

impressos em tipografia da cidade, abrangendo um período que vai de 1832 a 1966, além de alguns títulos editados na região, em cidades como Elói Mendes, Lambari (antiga Águas Virtuosas), Varginha, Três Corações, São Gonçalo do Sapucaí, Campo Belo, Pouso Alegre, São Lourenço, Itajubá, entre outras. De relevância inestimável para o campo da história social e cultural, ou para o estudo da história dos costumes e da imprensa no sul de Minas Gerais, essas fontes documentais têm servido de apoio a historiadores e pesquisadores de grandes centros universitários do Brasil.[2]

Resultados Parciais

A metodologia empregada consiste na investigação, coleta de dados e análise das fontes primárias. Primeiro, verificamos os jornais pertencentes à primeira metade do século XX, disponíveis no *Monsenhor Lefort*. Através da consulta ao acervo, identificamos trinta jornais do período que nos propomos a examinar, cada qual com centenas de edições disponibilizadas para consulta. Depois da sondagem inicial – análise preliminar ou exploratória das fontes com vistas a elaborar o projeto de pesquisa – montamos um cronograma de atividades. Com base no planejamento, procedemos à análise mais aprofundada do conjunto documental já delimitado. Através do trabalho de leitura e análise sistemáticas do material selecionado, passamos a identificar os artigos relacionados ao universo da saúde e das doenças, transcrevendo-os em fichas. Os dados referentes à publicação constam no cabeçalho: nome do jornal; data (dia, mês, ano) e número da edição; página; título do artigo; *subtítulo do artigo*; *nome do autor*;[3] e tema.

A pesquisa se encontra em fase de desenvolvimento. Até o presente momento, analisamos as 836 edições do periódico *A Campanha*, dispostas em volumes encadernados, que abarcam um período de 1900-1934.[4] Foram identificados e transcritos 225 artigos relacionados ao universo da saúde e das doenças. De maneira geral, os fragmentos referem-se à representação de doenças, profilaxia e panaceias, e vêm sendo classificados em oito grandes grupos: 1) Doenças e Epidemias; 2) Panaceias/Medicamentos/Venenos; 3) Tratamentos/ Terapias; 4) Óbito/*Causa mortis*; 5) Artigos de Opinião; 6) Tabelas e Estatísticas; 7)

---

[2] Dados de acordo com a entrevista concedida por Angélica Andrès, Diretora da Biblioteca Pública Municipal Cônego Vítor e coordenadora do Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort, a Adelino Ferreira, em 21 de maio de 2005.
[3] Os dados grifados muitas vezes podem não constar nas publicações.
[4] As edições de 1917 ainda não foram analisadas, por terem sido localizadas apenas recentemente.

Sanitarismo/Higienismo; 8) Diversos.[5] Montamos a seguinte tabela, que exibe, de forma quantitativa, os grupos e o número exato de ocorrências por grupo:

Artigos sobre doenças, profilaxia e panaceias. Jornal *A Campanha* (1900-1934)	
1. Doenças e Epidemias	38
2. Panaceias/Medicamentos/Venenos	49
3. Tratamentos/Terapias	22
4. Óbito/*Causa Mortis*	75
5. Artigos de Opinião	16
6. Tabelas e Estatísticas	2
7. Sanitarismo/Higienismo	7
8. Diversos	16
Número total:	**225**

Cruz e Peixoto (2007, p. 260) fornecem um apontamento de fundo metodológico sobre a impossibilidade de lidar com quaisquer fragmentos de um veículo da imprensa sem remetê-los ao jornal que os publicou numa determinada conjuntura. Estaremos atentos a essa indicação. Segundo Muir (2005, p.8) todos os documentos do passado foram escritos consoante certos propósitos, de acordo com as regras de composição textual vigentes em sua época. Na medida em que as perguntas centrais se voltam para o modo pelo qual determinada publicação se constitui como força histórica no interior de dada conjuntura espaço-temporal, o objetivo da leitura e da análise deve recair sobre a configuração do projeto editorial, buscando desvendar sua historicidade e intencionalidade. Tecemos algumas considerações a esse respeito.

A Campanha: órgão republicano

O primeiro número do semanário *A Campanha* data de vinte e dois de setembro de 1900.[6] "Leva na fronte, por título e por égide, o nome desta velha terra da Campanha [...]", município que outrora "falava por si e por todo o sul de Minas". A mensagem do editorial

[5] Nesta categoria foram incluídos os artigos que não se enquadram em nenhum outro grupo.
[6] Cf. CAMPANHA 1900 – SETEMBRO 20. *A Campanha*, Campanha/MG, n.1, p. 1-2, 22 set. 1900.

estabelece como objetivo servir a esta terra. Quando saúda o reaparecimento do antigo *Monitor Sul-Mineiro*, não o faz de forma acrítica. Ataca os seus redatores, por não "agitarem questões de controvérsia", e o próprio periódico, que se estaria limitando "a um simples noticiário e alguns artigos de moral e religião, não cogitando absolutamente de se fazer órgão de outras necessidades e aspirações da população campanhense". Diante disso, o novo jornal assume tais responsabilidades. "Na liça do jornalismo mineiro mais uma tenda se levanta", continua o editorial, definindo-se enquanto semanário republicano, preocupado em discutir, com imparcialidade e independência, todas as questões relativas aos interesses da cidade e do município. Uma nota aparece no canto superior direito das primeiras edições:

> Aspirando a verdadeira ordem e o verdadeiro progresso e rezando o mesmo credo político que fez outrora as glórias do seu nome, *A Campanha* é e será sempre a defensora convicta dos interesses deste município e a promotora estrênua de sua prosperidade.
>
> Nessa atitude, *A Campanha*, trazendo em seu programa o pressentimento de seu futuro e a iluminar-lhe a rota a estrela brilhante de seu passado, se manterá franca, intransigente e enérgica – não esmorecerá nunca!

Segundo Cohen (2008), uma radiografia rápida da imprensa brasileira desde suas primeiras publicações evidencia as raízes políticas da atividade jornalística, que se teria constituído sempre a partir de grupos de interesse que viam na imprensa um meio de propagação de suas ideias e aspirações. "Jornalismo e literatura, imprensa e política: equações que se desenvolvem no ritmo das transformações sociais, apontando a formação de círculos de intelectuais dispostos a interferir nos destinos nacionais por meio da difusão de ideias" (COHEN, 2008, p. 104;111). Entretanto, como aponta Cohen (2008, p. 104), a variedade de tendências políticas parecia não se repetir na aparência material. No início do século XX, ou até que os avanços técnicos permitissem diferenciações, os impressos eram muito parecidos, sendo o formato mais comum o de quatro folhas e duas colunas. Ao menos até 1934, o jornal *A Campanha* seguia o padrão (que muitas vezes podia variar) de duas folhas, cada qual dividida em quatro colunas.

Desde o século XX, afirma Sodré (1999), há grande e pequena imprensa. A grande imprensa fez do tema político a tônica de sua matéria. Nos outros Estados, a imprensa estava ainda na transição da fase artesanal para a fase industrial, no início do século; eram raros os jornais de província com estrutura de empresa. "Mas a matéria principal deles é também a política, e a luta política assume, neles, aspectos pessoais terríveis, que desembocam, quase

sempre, na injúria mais vulgar" (SODRÉ, 1999, p.324). A redação do *A Campanha*, órgão republicano do município, era composta por membros da elite sul-mineira, os "doutores" Ferreira Brandão, Brandão Filho, Braz Cesarino e Leonel Filho, sob a gerência de João Baptista de Mello. As paixões políticas dos redatores pareciam refletir na imprensa, que as estimulava. Assim, parece-nos evidente o papel da imprensa na articulação, divulgação e disseminação de projetos, ideias, valores e comportamentos das elites. Os impressos, no Brasil de princípios do século XX, constituem parcela importante do cotidiano do público letrado, muitas vezes influenciando os costumes. Os discursos destilados no *A Campanha* permitem relacionar a história da imprensa com as raízes políticas da atividade jornalística, que chegava aos leitores à medida que avançava o capitalismo. O papel político do semanário era comumente destacado:

> Um dos múltiplos e nobres misteres da boa imprensa é, sem dúvida, recolher a queixa justa que sobe da onda ululante dos que sofrem, para leva-la, como um protesto vigoroso, junto daqueles que, erguidos às alturas do poder, são infiéis às suas missões. [...] No jornal devem refletir-se as ondas sonoras da opinião pública, a fim de repeti-la indefinidamente no órgão auditivo dos governos. Fieis a esses princípios, abrimos de par em par nossas colunas que nunca desdenharam as causas justas, à toda e qualquer reclamação, sem nos importar o alvo que atinjam.[7]

Em nossa tentativa de aprofundar os estudos sobre o papel dos impressos na construção da vida cotidiana, temos notado o posicionamento político da imprensa em relação à moralidade ou à conduta social; seu papel, talvez determinante, na formação da opinião pública; e a veiculação de discursos que reclamam por políticas profiláticas, exigindo a construção de mecanismos de controle de doenças por parte do Estado. Esses três aspectos parecem indicar a abrangência do campo de ação da imprensa, afirmando a força de sua intervenção nas diferentes esferas da vida social, política e cultural. A análise crítica dos jornais têm suscitado apontamentos relevantes acerca da representação de doenças, profilaxia e panaceias nas décadas iniciais do século XX.

[7] Cf. NOTAS E NOTÍCIAS. *A Campanha*, Campanha/MG, n.668, p. 1-2, 28 out. 1916.

Apontamentos sobre o objeto

No primeiro ano do século, a imprensa clama por medidas de higiene que proíbam a conservação de chiqueiros dentro do perímetro urbano. Na cidade de Águas Virtuosas, atesta o *A Campanha*, "os suínos refocilados na lama empestam a atmosfera, desenvolvem o tifo, e entretêm nuvens de mosquitos".[8] Em vias de evitar "o acúmulo de focos miasmáticos, donde provem febres de mau caráter, e que exalam um fedido intolerável", o semanário aconselha que, em matéria de higiene, é sempre mais prudente "antes prevenir do que curar".[9] A discussão está ainda viva sete anos mais tarde, quando o acúmulo de grande número de suínos, em pequenos pátios, é visto como infração flagrante à lei municipal e prejudicial à saúde pública. "A existência de chiqueiros nos pátios e terreiros da zona urbana nada mais é do que focos permanentes de miasmas pestilenciais".[10] O texto pede que sejam decretadas leis proibitivas.

A edição de nove de julho de 1912 denuncia focos de infecção em vários pontos urbanos, que constituem os "germes do mal". Contudo, considera que estes poderiam ser facilmente removidos, o que dependeria do zelo de cada proprietário, a quem cabia cuidar da própria habitação.[11] Em 1918, também no sétimo mês, o semanário aplaude o serviço de saneamento rural de Minas, levado a cabo pelo governo mineiro, por meio de decreto em que teria sido projetado um plano de profilaxia rural. De acordo com o periódico, os serviços de saneamento viriam a ser executados por meio de sérias medidas higiênicas, "combatendo-se, pelas obras de engenharia sanitária, as endemias e epidemias que, desgraçadamente, infestam este e outros estados". Com métodos modernos e científicos, o governo de Minas visava, também, o combate à sífilis.[12]

Vimos que a imprensa acompanhou o desenvolvimento do capitalismo. Desde o século XIX, em diferentes conjunturas e agindo como força ativa na constituição dos processos de hegemonia social, os jornais atuam na formação do consumidor, "funcionando como vitrine do mundo das mercadorias e produção das marcas" (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 259). Em 1900, explicam Briggs e Burke (2006), quando muitos produtos de consumo foram padronizados, propagandas mais longas e pictóricas começaram a chamar a atenção para os produtos de

[8] Cf. PATEQUE, Garçon. A pedido. A Campanha, Campanha/MG, n.18, 26 jan. 1901.
[9] Cf. CHIQUEIROS. *A Campanha*, Campanha/MG, n.43, p. 3-4, 27 out. 1901.
[10] Cf. HIGIENE. *A Campanha*, Campanha/MG, n.379, p. 3-4, 13 dez. 1908.
[11] Cf. PELA HIGIENE. *A Campanha*, Campanha/MG, n.499, p. 1, 9 jul. 1912.
[12] Cf. SANEAMENTO DO ESTADO DE MINAS, O. *A Campanha*, Campanha/MG, n.718, p. 2, 10 jul. 1918.

marcas. (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 206) Segundo Cohen (2008), a presença da propaganda em jornais abria novas perspectivas para ambos os lados: para a imprensa, como suporte econômico; para a indústria, como veículo de ampliação do número de consumidores. “Efeito de mão dupla que ampliou o papel transformador da imprensa numa sociedade que se constituía em novo patamar, com o advento da República e do novo século” (COHEN, 2008, p. 106).

Ainda segundo Cohen (2006, p. 107), os editores brasileiros utilizavam os recursos disponíveis para dar forma às publicações. Suas iniciativas, de maior ou menor duração, melhor ou pior padrão gráfico, variavam na forma e no conteúdo, mas partilhavam da composição de um universo em que o mundo da mercadoria impunha-se com toda sua força, modificando valores, introduzindo padrões e conformando o imaginário social. A atualização tecnológica apontou para a transição rumo ao mercado, de modo que a imprensa periódica passou a destacar-se como campo privilegiado na lógica da configuração da sociedade capitalista, ao oferecer um produto atrativo que veiculava ao mercado leitor as infinitas possibilidades de consumo no mundo moderno. Na mira dos empreendimentos jornalísticos estava o leitor urbano pertencente à classe média.

Com o surgimento da imprensa sensacionalista na década de 1910, a saúde e as doenças tornam-se alvo de interesse do público leitor. Nos jornais e revistas abundam anúncios que oferecem recursos milagrosos, prodígios como o *Rum Creosotado*, o *Bromil*, as *Pílulas de vida do dr. Ross*, o *Fermento Lático Fontoura*, panaceias possíveis graças à intervenção da tecnologia moderna. Segundo Martins, o periodismo emprestava da indústria farmacêutica a última palavra em matéria de propaganda. A repetição insistente da informação levava o leitor à dependência daquela menção, induzindo-o quase automaticamente à escolha e aquisição do produto, exaustivamente anunciado. (MARTINS, 2001, p. 266) Em periódicos como o *A Campanha*, que soube fazer uso dessa técnica de efeito comprovado, os remédios aparecem como “um índice relevante da modernidade, um seguro contra as fraquezas e vulnerabilidades do corpo, um estímulo para a iniciativa e uma caução para o sucesso”(SEVCENKO, 1998, p. 552). O escritor Machado de Assis resume a equação: “O mundo caminha para a saúde e para a riqueza universais [...] assim se explicam os debates sobre medicina e economia e a fé crescente nos xaropes e seus derivativos” (SEVCENKO, 1998, p. 552). Nas capitais, na óptica de Sevcenko (1998), esse fenômeno decorre do intenso surto de urbanização, que trouxe para as cidades pessoas de origem rural, rompendo o contexto da família ampla e a cadeia de transmissão do conhecimento de ervas, tratamentos e

processos tradicionais de cura. O lapso teria sido preenchido pelos novos laboratórios químicos e, sobretudo, pela rapidez dos oportunistas em se dar conta da nova situação.

Os prodígios encontravam terreno fértil dentro do jornal analisado. A quarta página do semanário era comumente dedicada à publicidade. Dividiam espaço as propagandas de inúmeros medicamentos: *Algiol*, *Aristolino*, *Biogastrina*, *Cafiaspirina*, *Juventude de Alexandre*, *Licor de Cacau*, *Nutrion*, *Olivan*, *Tabil*, *Vinho Creosatado*, *Xarope São João*, entre outros. Na edição de catorze de setembro de 1914, a firma Daudt & Lagunilla divulgou nota destinada "Aos consumidores de remédio"[13] sobre seus quatro "preparados reconhecidamente eficazes", medicamentos considerados "infalíveis": *A Saúde da Mulher*, para curar incômodos de senhoras; o *Bromil*, para curar tosses, bronquite e coqueluche; o *Bora Boracida*, para feridas e todas as doenças da pele; e o *Depurativo Lyra*, para curar sífilis e eliminar as impurezas do sangue. Em outras edições, apareciam anúncios do *Vanadiol*, "o poderoso tônico do pulmão fraco, o regenerador do sangue, dos músculos, dos nervos e do cérebro",[14] e do *Elixir de Nogueira*, cura do reumatismo sifilítico e da inflamação do fígado.[15] Podemos mencionar ainda o *Dochmicida* e os *Pós Ferruginosos* de Mota Júnior, amplamente divulgados, que garantiam a cura da tuberculose em vinte dias.[16] Exemplo curioso é a propaganda intitulada "Remete-se Grátis (ciência dos efluídos iódicos)", destinada àqueles interessados em receber uma demonstração do *Acumulador Iódico Mental*,[17]

> [...] aparelho que concederá, de um modo prático e em pouco tempo, dons irresistíveis para a cura de dores e doenças, desenvolvimento do poder físico ou magnético, transmissão mental do pensamento à distância hipnotismo, autosugestão, inspirar amor, concórdia ou amizade, desfazer influências nocivas de inveja, ódio ou quebranto, preservar de loucura, epilepsia, histeria ou moléstias nervosas, neutralizar os maus presságios, adivinhar corrigir de infidelidade, vícios do jogo, embriaguez, sensualismo e roubo, favorecer a sorte ou qualquer negócio aumentando-lhe cada vez mais os lucros; produzir, enfim o bem-estar ou felicidade em todos os sentidos. [...] Dá-se o dom da fortuna, da adivinhação, os meios de, por influência física da vontade concentrada, só obter facilmente tudo que se deseja – a riqueza, as boas posições, ganhar na loteria, e ficar livre das necessidades e perseguições.[18]

13 Cf. CONSUMIDORES DE REMÉDIO, AOS. *A Campanha*, Campanha/MG, n.579, p. 2-3, 14 set. 1914.
14 Cf. EVITE A TUBERCULOSE. *A Campanha*, Campanha/MG, n.985, p. 1, 30 out. 1927.
15 Cf. NERY, A. F. Cura do reumatismo e inflamação do fígado. *A Campanha*, Campanha/MG, n.1119, p. 2, 26 set. 1931.
16 Cf. NEIVA, C. A. Está descoberta a cura da tuberculose. *A Campanha*, Campanha/MG, n.322, p. 2, 22 set. 1907.
17 Os interessados deviam enviar o anúncio, com um selo do correio, ao *Instituto Elétrico e Magnético Federal*, situado na Rua da Assembleia, n. 45, no Rio de Janeiro.
18 Cf. REMETE-SE GRÁTIS (CIÊNCIA DOS EFLUÍDOS IÓDICOS). *A Campanha*, Campanha/MG, n.557, p. 4, 5 mar. 1914.

O periódico sul-mineiro também veiculava em suas páginas artigos sobre panaceias, terapias e métodos de cura desenvolvidos em outros países, vistos como triunfos da ciência. Quando se realizou em Chicago uma cirurgia craniana bem sucedida, o título de certo artigo perguntava-se: "Até onde irá o bisturi audaz dos cirurgiões modernos?".[19] Outro exemplo é a "maravilhosa operação" para salvar a vida de um homem, ferido no coração por uma ferramenta. O autor do texto afirma: "E na verdade, não sei o que mais admirar: se os progressos da cirurgia que permitem hoje tais curas, se as qualidades profissionais do moço cirurgião que figurou no caso".[20] Em abril de 1904 foi noticiada a experiência médica conduzida pelo professor Moeler, bacteriologista alemão e discípulo do Dr. Koch, que teria inoculado nas próprias veias culturas virais no intuito de estabelecer imunidade contra a tuberculose.

> Em dezembro de 1902, o professor procedeu à experiência definitiva, inoculando corajosamente nas veias uma emulsão, feita da mais virulenta cultura de bacilos da tuberculose humana. [...] Moeler emagreceu consideravelmente, mas não apresentou nenhum sintoma de tuberculose, e hoje, decorrido mais de um ano, o seu peso tornou-se normal e a saúde é excelente, considerando-se definitivamente livre do perigo e vacinado de modo eficaz contra a terrível enfermidade.[21]

No início do século XX, esses prodígios e curas milagrosas pareciam sinalizar os progressos da ciência, sendo também noticiados pela imprensa estrangeira. Na edição de outubro de 1929 do *Popular Science Monthly*, artigo intitulado "'Gelo-Seco' oferece um novo remédio para a lepra" apresentava o dióxido de carbono sólido como alternativa no tratamento da hanseníase.[22] Deveras, o mensário, fundado nos Estados Unidos em 1872, tem se dedicado a notícias sobre o universo da ciência e da tecnologia desde a sua criação. Nas páginas do jornal sul-mineiro que analisamos até então, eram recorrentes as menções a novidades vindas do exterior, como o "'Moderno Anel elétrico americano' notável descoberta do Dr. Flonfler de New York":

> Mais de mil pessoas no Brasil, em oito meses, apresentaram atestados dos benéficos resultados obtidos da nova descoberta; é uma prova de dedicação do Dr. Flonfler à ciência médica. Cura quase todas moléstias nervosas, como sejam: *Histerismo, Neurastenia, Dores de cabeça ou Enxaquecas, Nervosismo, Espasmos, Câimbras, Contraturas dos Músculos, Palpitações nervosas, Surmenage, certas moléstias da*

---

19 Cf. CIRURGIA NO CRÂNEO. *A Campanha*, Campanha/MG, n.100, p. 3, 13 abril 1903.
20 Cf. OPERADO NO CORAÇÃO. *A Campanha*, Campanha/MG, n.163, 17 jul. 1904.
21 Cf. TUBERCULOSE, A: Uma nova vacina. *A Campanha*, Campanha/MG, n.150, 10 abril 1904.
22 Cf. "DRY-ICE" OFFERS A NEW REMEDY FOR LEPROSY. *Popular Science Monthly*, n.4, p. 64, out. 1929.

pele caracterizadas por grande coceira, Dores Reumáticas, Nevralgias, Dispepsias nervosas, dor Ciática, etc.. etc.., e evita o estupor.[23]

Ainda que Sevcenko veja no intenso surto de urbanização e no êxodo rural processos disruptores da cadeia de transmissão dos conhecimentos tradicionais, ligados à cura, percebemos nas páginas do *A Campanha* a permanência dos mesmos. Talvez seja essa uma característica dos jornais de província. O artigo intitulado "mordeduras de cobras", por exemplo, recorre à fé cristã para afirmar que "O remédio para a dentada de cobras impropriamente chamado "pedra de cobra", não é mais que o chifre de cerco (veado) carbonizado".[24] Algumas vezes, porém, esses conhecimentos ditos tradicionais parecem ter sido apropriados e ressignificados sob a égide da ciência. A "cataplasma de cebolas cruas, cortadas e esmigalhadas",[25] de acordo com o semanário, teria sido noticiada por "um dos jornais científicos europeus" como o novo remédio contra a febre tifoide. O uso do Palmito Amargoso nas diferentes enfermidades do aparelho digestivo teria sido muito comum entre as pessoas que residem nas cidades do interior do Brasil. "Há casos de curas admiráveis, entre as pessoas do campo, com o uso prolongado dessa planta privilegiada". As experiências de dois químicos-farmacêuticos, os Irmãos Xavier e Torres, com o palmito, resultariam no *Vinho de Paty Amargoso de Xavier*, de uso recomendado em todas as moléstias do estômago, fígado e intestinos, como "má digestão, dores, azia, arrotos, enjoos, vômitos, dispepsias, gastralgia, etc. e na convalescença de todas as moléstias".[26]

Contudo, na contramão da vasta publicidade que orbitava ao redor desses prodígios, localizamos na edição de 27 de dezembro de 1908 uma crítica aos chamados "curadores de todas as enfermidades", "classe de homens perigosos" que emigrariam de tempos em tempos para a região sul-mineira. A intenção do autor, não identificado, era chamar a atenção do Delegado de Higiene do município da Campanha para a ação daqueles que exerciam impune e criminosamente a "rendosa indústria", "praticando toda a sorte de abusos e extorquindo assim aos incautos, pobres enfermos inconscientes, boas quantias em troca de mesinhas e drogas que ninguém conhece e praticando ainda outros abusos [...]". De acordo com o artigo,

23 Cf. ANÉL ELÉTRICO. *A Campanha*, Campanha/MG, n.213, 3 ago. 1905.
24 Cf. MORDEDURAS DE COBRAS. *A Campanha*, Campanha/MG, n.158, p. 3, 10 jun. 1904.
25 Cf. FEBRE TIFOIDE. *A Campanha*, Campanha/MG, n.80, p. 3, 30 nov. 1902.
26 Cf. PALMITO AMARGOSO NAS MOLÉSTIAS DO APARELHO DIGESTIVO, O. *A Campanha*, Campanha/MG, n.953, p. 3, 28 nov. 1926.

> Vêm eles munidos de uma caixinha portátil, que trazem tiracolo, contendo grande provisão de raízes e, depois, de examinar o pobre enfermo, proscrevem-lhe os medicamentos com promessa de voltarem para novo exame do doente. E, assim vão neste andar, exercendo a sua profissão criminosa [...] que supõe que a vida é coisa de somenos importância. A arte de curar só é permitida às pessoas habilitadas, entretanto, os tais exploradores da bolsa alheia vão auferindo bons proventos da indústria para cujo exercício não se habilitaram.[27]

O excerto supracitado considerava as drogas medicinais perigosas à saúde dos enfermos, e reclamava providências a fim de evitar que os "curandeiros de caixinha a tiracolo continuem a abusar da credulidade dos pobres enfermos que, desanimados da cura, submetem-se à imposição de exploradores audazes com o intuito único e exclusivo do interesse pecuniário". No semanário que vimos analisando aparecem, em grande número, artigos não assinados. Estes talvez refletissem a visão do próprio corpo editorial. Sodré (1999, p. 4) fala na luta entre a opinião e a publicidade, que teria marcado o desenvolvimento da imprensa. Numa esfera mais ampla, Kellner vê na cultura da mídia um terreno de disputa em que grupos sociais importantes e ideologias políticas rivais lutam pelo domínio. Os indivíduos vivenciariam essas lutas por meio de discursos veiculados pela mídia.(KELLNER, 2001, p. 10-11) Em suma, ainda que tivessem adentrado no mundo dos negócios, "os jornais não deixaram de se constituir em espaço privilegiado de luta simbólica, por meio do qual diferentes segmentos digladiavam-se em prol de seus interesses e interpretações sobre o mundo" (LUCCA, 2008, p. 158). Eis, aqui, a luta política.

Considerações finais

A reflexão acerca do papel dos impressos na construção da vida social nos permite traçar conjecturas sobre a representação da saúde e das doenças em práticas letradas. O posicionamento da imprensa, em relação à moralidade ou à conduta social, tem revelado feições políticas que operam em vias de articular e disseminar valores, sempre determinados por estratos da sociedade, que, em seu contexto, almejavam deter e manter o poder. Justamente, eram os membros desses estratos que produziam os impressos, veículos solidificadores da força política das elites nas diferentes esferas da vida social. Suas vozes, muitas vezes, exigiam a construção de mecanismos de controle de doenças; clamavam por medidas profiláticas que afastassem os miasmas da epidemia. No mundo moderno, que

[27] Cf. DR. DELEGADO DE HIGIENE, AO. *A Campanha*, Campanha/MG, n.381, 27 dez. 1908.

parecia caminhar rumo à saúde e à riqueza universais, as reluzentes possibilidades de consumo apareciam estampadas nos jornais, impondo-se com toda a força, modificando valores, introduzindo padrões e conformando o imaginário social. No entanto, não podemos esquecer que a tenda do *A Campanha* se levantou na liça do jornalismo mineiro. Falamos de um ambiente externo ao dos grandes centros urbanos, com *ethos* particular. Portanto, devemos compreender o modo pelo qual essas realidades eram construídas, pensadas e interpretadas no universo sul-mineiro de início do século XX, em que os triunfos da ciência dividiam espaço com os métodos tradicionais de cura, ainda muito presentes naquele contexto espaço-temporal. Podemos falar na retenção de traços arcaicos? Talvez. Além disso, resta avaliar o papel dos impressos na formação da opinião pública. Importante ressaltar que a pesquisa *Das Moléstias e dos Prodígios* encontra-se em fase de desenvolvimento, longe de esgotar todas as possibilidades de análise suscitadas pelas fontes documentais.

Referências Bibliográficas

ANÉL ELÉTRICO. *A Campanha*, Campanha/MG, n.213, 3 ago. 1905.

BARBOSA, Marialva. Como escrever uma história da imprensa? In: II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho – GT História do Jornalismo. *Anais*. Florianópolis: UFSC, 2004.

BRIGGS, Asa, BURKE, Peter. *Uma história social da mídia*: de Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

______. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAMPANHA 1900 – SETEMBRO 20. *A Campanha*, Campanha/MG, n.1, p. 1-2, 22 set. 1900.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. História e análise de textos. In: *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. *Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, 2005.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHIQUEIROS. *A Campanha*, Campanha/MG, n.43, p. 3-4, 27 out. 1901.

CIRURGIA NO CRÂNEO. *A Campanha*, Campanha/MG, n.100, p. 3, 13 abril 1903.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

CONSUMIDORES DE REMÉDIO, AOS. *A Campanha*, Campanha, n.579, p. 2-3, 14 set. 1914.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, n.35, São Paulo: PUC-SP/Programa de Pós-graduação de História, dez. 2007.

DARNTON, R. *O beijo de Lamourette*: mídia, Cultura e Revolução. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

DR. DELEGADO DE HIGIENE, AO. *A Campanha*, Campanha/MG, n.381, 27 dez. 1908.

"DRY-ICE" OFFERS A NEW REMEDY FOR LEPROSY. *Popular Science Monthly*, n.4, p. 64, out. 1929.

EVITE A TUBERCULOSE. *A Campanha*, Campanha/MG, n.985, p. 1, 30 out. 1927.

FEBRE TIFOIDE. *A Campanha*, Campanha/MG, n.80, p. 3, 30 nov. 1902.

HIGIENE. *A Campanha*, Campanha/MG, n.379, p. 3-4, 13 dez. 1908.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais*: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: EdUSP, 2001.

MORDEDURAS DE COBRAS. *A Campanha*, Campanha/MG, n.158, p. 3, 10 jun. 1904.

MUIR, Edward. *Ritual in early modern Europe*. UK: Cambridge University Press, 2005.

NEIVA, C. A. Está descoberta a cura da tuberculose. *A Campanha*, Campanha/MG, n.322, p. 2, 22 set. 1907.

NERY, A. F. Cura do reumatismo e inflamação do fígado. *A Campanha*, Campanha/MG, n.1119, p. 2, 26 set. 1931.

NOTAS E NOTÍCIAS. *A Campanha*, Campanha/MG, n.668, p. 1-2, 28 out. 1916.

OPERADO NO CORAÇÃO. *A Campanha*, Campanha/MG, n.163, 17 jul. 1904.

PALMITO AMARGOSO NAS MOLÉSTIAS DO APARELHO DIGESTIVO, O. *A Campanha*, Campanha/MG, n.953, p. 3, 28 nov. 1926.

PATEQUE, Garçon. A pedido. *A Campanha*, Campanha/MG, n.18, 26 jan. 1901.

PELA HIGIENE. *A Campanha*, Campanha/MG, n.499, p. 1, 9 jul. 1912.

REMETE-SE GRÁTIS (CIÊNCIA DOS EFLUÍDOS IÓDICOS). *A Campanha*, Campanha/MG, n.557, p. 4, 5 mar. 1914.

SANEAMENTO DO ESTADO DE MINAS, O. *A Campanha*, Campanha/MG, n.718, p. 2, 10 jul. 1918.

SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios*: a ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TUBERCULOSE, A: Uma nova vacina. *A Campanha*, Campanha/MG, n.150, 10 abril 1904.